



LETRAMENTO GEOGRÁFICO, PAISAGEM E PATRIMÔNIO: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS(AS)

*ALFABETIZACIÓN GEOGRÁFICA, PAISAJE Y PATRIMONIO:
CONTRIBUCIONES PARA LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA EN LA
FORMACIÓN DE PEDAGOGOS(AS)*

*GEOGRAPHICAL LITERACY, LANDSCAPE AND HERITAGE:
CONTRIBUTIONS TO THE TEACHING OF GEOGRAPHY IN THE EDUCATION
OF PEDAGOGUES*

Luisa Teixeira Andrade¹
Fabiana Andreatta Raymundo²
Débora Cristina Leão Silva³

Resumo:

Como contraponto ao ensino de Geografia livresco, que ainda encontra eco em muitas escolas da educação básica brasileira, defendemos que a formação de professores para o ensino de Geografia deve fundamentar-se, teórica e metodologicamente, na perspectiva da alfabetização e do letramento geográfico. Essa perspectiva representa um deslocamento da tradicional fragmentação e do isolamento dos conteúdos geográficos para uma construção contextualizada, que possibilita a análise geográfica. Ancorados nessa premissa, neste artigo apresentamos um estudo de um trabalho desenvolvido no interior do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais/Unidade Ibirité, no qual os(as) alunos(as)/graduandos(as) foram convidados(as) a realizar uma análise geográfica densa de uma paisagem (uma rua, um bairro, um parque, uma praça, uma cidade etc.) que fosse carregada de simbolismos de suas experiências de vida e com a qual nutrissem uma relação de afeto. O trabalho evidenciou que os alunos desenvolveram habilidades de leitura das paisagens e dos significados que elas expressam, construindo um novo olhar sobre o espaço escolhido em suas múltiplas dimensões naturais, sociais, históricas, políticas e culturais.

Palavras-chave: Letramento Geográfico; Formação de Professores; Ensino de Geografia; Patrimônio; Paisagem.

¹ UEMG, luisa.andrade@uemg.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2233-3144>

² UEMG, fandreatar@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-2780-9872>

³ UEMG, dleao.leao@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-2780-9872>

Abstract:

As a counterpoint to textbook-based Geography teaching, which still persists in many Brazilian basic education schools, this study argues that teacher education for Geography should be theoretically and methodologically grounded in the perspective of geographic literacy. This approach represents a shift from the traditional fragmentation and isolation of geographic content toward a contextualized construction that enables geographic analysis. Based on this premise, this article presents a study conducted within a Pedagogy undergraduate program at the Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Ibirité Unit, in which students were invited to carry out an in-depth geographic analysis of a landscape (such as a street, neighborhood, park, square, or city) that held symbolic meaning related to their life experiences and with which they maintained an affective connection. The results showed that the students developed skills in reading landscapes and interpreting their meanings, constructing a new perspective on the selected space in its multiple natural, social, historical, political, and cultural dimensions.

Keywords: Geographical literacy; Teacher education; Geography teaching; Heritage; Landscape.

Resumen:

Como contrapunto a la enseñanza de la Geografía libresco, que aún encuentra eco en muchas escuelas de la educación básica brasileña, defendemos que la formación de profesores para la enseñanza de la Geografía debe fundamentarse, teórica y metodológicamente, en la perspectiva de la alfabetización y del letramiento geográfico. Esta perspectiva representa un desplazamiento de la tradicional fragmentación y del aislamiento de los contenidos geográficos hacia una construcción contextualizada, que posibilita el análisis geográfico. Anclados en esta premisa, en este artículo presentamos un estudio de un trabajo desarrollado en el interior del curso de Pedagogía de la Universidad del Estado de Minas Gerais/Unidad Ibirité, en el cual los(as) estudiantes/graduandos(as) fueron invitados(as) a realizar un análisis geográfico profundo de un paisaje (una calle, un barrio, un parque, una plaza, una ciudad, etc.) que estuviera cargado de simbolismos de sus experiencias de vida y con el cual mantuvieran una relación afectiva. El trabajo evidenció que los estudiantes desarrollaron habilidades de lectura de los paisajes y de los significados que estos expresan, construyendo una nueva mirada sobre el espacio elegido en sus múltiples dimensiones naturales, sociales, históricas, políticas y culturales.

Palabras clave: Alfabetización geográfica; Formación de docentes; Enseñanza de la Geografía; Patrimonio; Paisaje.

Introdução

Me lembro como a disciplina era engessada. A maioria dos professores exigiam vários mapas feitos em papel manteiga pois assim não teria erros nas cópias feitas do livro. Quando estudava Geografia tudo parecia muito distante, locais que só apareciam na TV na sexta-feira no programa Globo Reporter. (Depoimento Estudante A do curso de Pedagogia da UEMG/Unidade Ibirité, 2023)

Na minha época [escolar], eu aprendi Geografia olhando nos livros realidades totalmente distantes de mim. (Depoimento Estudante B do curso de Pedagogia da UEMG/Unidade Ibirité, 2023)

No Ensino Fundamental, o que me lembro é realmente de memorização, principalmente dos conteúdos que estavam nos livros didáticos. No Ensino Médio nem me lembro de ter Geografia. É muito triste porque parece que fui perdendo o encantamento pelo assunto. (Depoimento Estudante C do curso de Pedagogia da UEMG/Unidade Ibirité)⁴

Desde 2018, no contexto da disciplina de Conteúdos Metodológicos e Curriculares de Geografia II (CMC de Geografia II), do curso de Pedagogia da UEMG/Unidade Ibirité, é realizado, no início do semestre, um diagnóstico sobre as concepções e experiências dos(as) alunos(as) graduandos(as) a respeito da disciplina. A memória espontânea de futuros(as) professores(as)/pedagogos(as) indica a permanência de práticas canônicas pautadas na enumeração de dados geográficos sobre espaços fragmentados, em geral a partir de questões desconexas e isoladas em si mesmas. Ademais, o discurso discente insiste na falta de sentido da escolarização em Geografia para suas vidas e no consequente esquecimento do que foi “transmitido”.

Se essas práticas pedagógicas, centradas na memorização, ainda encontram eco nas salas de aula da educação básica e não são capazes de habilitar os(as) alunos(as) graduandos(as) a realizar leituras do mundo por meio da leitura do espaço, interessa-nos problematizar os fundamentos teórico-metodológicos que devem orientar as práticas de ensino de Geografia na formação de professores.

Nesse sentido, defendemos, com base em diversos autores (Soares, 2003; Callai, 2005; Cavalcanti, 2012), que a formação de professores para o ensino de Geografia na Educação Básica deve fundamentar-se, teórica e metodologicamente, na perspectiva da alfabetização e do letramento geográfico. Essa perspectiva representa um deslocamento importante da tradicional fragmentação dos conteúdos geográficos — divididos entre Geografia Humana e Geografia Física — para uma construção contextualizada, que possibilita a análise geográfica. O foco passa a ser o desenvolvimento da habilidade de ler o espaço, compreender a fisionomia das paisagens e interpretar os significados que elas expressam, construindo um novo olhar sobre o espaço em suas múltiplas dimensões naturais, sociais, políticas e culturais.

Essa perspectiva está em sintonia com a proposta presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino de Geografia na educação básica. Um dos pressupostos fundantes dessa base

⁴Estes depoimentos foram coletados no contexto da disciplina de Conteúdos Metodológicos e Curriculares de Geografia II da UEMG/Unidade Ibirité no primeiro semestre de 2023. As estudantes foram identificadas por letras a fim de garantir sigilo aos sujeitos depoentes.

para essa área do conhecimento é a construção do raciocínio geográfico aliada a uma metodologia investigativa. O documento destaca que, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, os conhecimentos da Geografia, quando articulados com os de outras disciplinas e áreas do saber, contribuem para o processo de alfabetização e letramento, além de favorecer o desenvolvimento de diferentes formas de raciocínio. Esses processos possibilitam compreender e atribuir significado às relações entre indivíduos, grupos sociais e à interação destes com a natureza, tanto nas atividades de trabalho quanto de lazer (BNCC, 2018).

Assim, a BNCC (2018) postula que os princípios do raciocínio geográfico criam oportunidades para a compreensão do mundo, isto é, das ações de diversas sociedades em diferentes regiões, sendo fundamentais para o desenvolvimento do pensamento científico.

No entanto, pesquisadores de diferentes áreas do ensino, entre os quais se destacam Abud (2013), Azevedo (2010) e Cavalcanti (2012), mostram que, muitas vezes, professores não especialistas dominam os discursos sobre os objetivos e métodos do ensino das disciplinas escolares, mas possuem pouco conhecimento sobre os conteúdos a serem ensinados. Nos cursos de Pedagogia, os professores recebem uma formação polivalente, que contempla todos os componentes curriculares. Considerando o reduzido número de horas destinado às disciplinas de Metodologia do Ensino de Geografia e/ou Didática da Geografia (entre 60 e 180 horas) (Abud, 2013), pode-se afirmar que o conhecimento geográfico de que o professor dispõe para ensinar está, muitas vezes, limitado ao que aprendeu em sua própria escolarização básica e/ou à tradição cultural de seu meio social.

Assim, professores que não tiveram uma formação epistemológica consistente no campo da Geografia tendem a reproduzir jargões pedagógicos e clichês que não garantem uma formação de qualidade, bem como a repetir práticas pedagógicas das quais foram “vítimas” ao longo de sua trajetória escolar, perpetuando um ensino de Geografia canônico, reduzido à memorização de dados geográficos desconectados do mundo da vida. Ao não realizarem uma reflexão epistemológica sobre o campo, não desenvolvem formas de pensar geograficamente. Verifica-se, portanto, um distanciamento, por parte dos professores da educação infantil e dos anos iniciais, da Geografia científica, acompanhado de uma aproximação com uma Geografia do senso comum e da mídia, que não favorece o desenvolvimento do pensamento crítico.

Não é raro que alunos(as), no contexto das disciplinas de Metodologia do Ensino de Geografia e/ou Didática da Geografia nos cursos de Pedagogia e Normal Superior, reivindiquem receitas e soluções prontas para suas aulas, negligenciando, muitas vezes, a construção teórica e epistemológica necessária para a atuação como professores de Geografia, sejam eles especialistas ou não.

Partindo da premissa de que é fundamental explorar, nos cursos de formação de professores de Pedagogia, as bases epistemológicas do campo da Geografia, desenvolvemos, no interior do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais/Unidade Ibirité, um trabalho de análise de paisagens com o objetivo de promover o desenvolvimento da alfabetização e do letramento geográfico dos(as) alunos(as) graduandos(as). Nesse contexto, o presente estudo busca responder à seguinte questão: em que medida a análise de paisagens, ancorada na perspectiva do letramento geográfico, contribui para o desenvolvimento do raciocínio geográfico na formação de professores(as) da educação básica?

Antes de responder a essa questão, delinearemos as características centrais que configuram o conhecimento geográfico e seu modo de pensar.

Alfabetização e Letramento Geográfico

Ler o mundo vai muito além da leitura das palavras, é fazer a leitura do mundo da vida construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos). (Callai, 2005)

A pesquisadora Helena Callai sugere que a leitura de textos de natureza geográfica requer a competência de ler o espaço, de saber ler a fisionomia das paisagens e os significados que elas expressam. Um lugar, sempre cheio de história, expressa o resultado das relações que se estabelecem entre as pessoas, entre os grupos, bem como das relações entre estes e a natureza. Ler o espaço significa compreender as relações entre sociedade e natureza, os fenômenos sociais, culturais e ambientais, a linguagem cartográfica, as camadas de tempo visíveis e invisíveis, entre outros aspectos. Nessa perspectiva, estudos recentes reforçam que essa leitura do espaço está diretamente associada ao desenvolvimento do raciocínio geográfico, entendido como a capacidade de analisar padrões espaciais, estabelecer relações e compreender processos em diferentes escalas (BOTELHO; CASTELLAR, 2025).

Por meio da leitura espacial, inicia-se o processo de compreensão de uma realidade social a partir das marcas inscritas nesse espaço. A forma como os fenômenos incidem e sua distribuição no espaço suscitam inúmeras questões, muitas vezes invisíveis, que precisam ser desveladas por meio dos indícios presentes na organização social (Callai, 2005). Ler o espaço geográfico também requer apropriar-se da linguagem própria da Geografia, permeada por categorias fundantes (lugar, paisagem, território) e conceitos que são pré-requisitos para a análise dos fenômenos sob a perspectiva geográfica, tais como clima, vegetação, relevo, hidrografia, IDH, taxas de mortalidade e natalidade, PIB e escala, entre outros. Nesse contexto, o letramento cartográfico também assume papel central, sendo potencializado pelo uso de geotecnologias e ferramentas digitais que ampliam as possibilidades de leitura, representação e análise do espaço geográfico (DAPPER, 2025; SANTOS; RAMOS FILHO, 2025).

Além disso, ler o espaço em sua complexidade traz implicações políticas. Para Milton Santos (1998), cada lugar possui uma força, uma energia particular. Essa força resulta de uma construção social decorrente das experiências vividas naquele espaço, no cotidiano das pessoas que o habitam; da sobreposição de tempos distintos, curtos e longos, que imprimem marcas no espaço; e, especialmente, do grau de consciência dos sujeitos e de seus grupos sociais sobre o mundo em que vivem. Santos (2000) postula que o processo de globalização produziu usos do espaço a serviço do grande capital, a partir dos interesses de grandes empresas multinacionais. Em contrapartida, apresenta a “força do lugar” como forma de resistência a esse fenômeno.

Segundo o autor, as ideias hegemônicas se materializam nos lugares, e não no plano global. Se cada lugar possui uma história particular, resultante da capacidade dos sujeitos de se organizarem em

determinado espaço, eles não precisam ser apenas peças de uma estrutura alienante que os impede de pensar e agir conforme seus interesses. Nessa perspectiva, o lugar assume o papel de contraponto ao movimento de homogeneização produzido pela mídia e pelas ações das grandes empresas. Desse modo, se os lugares podem se associar verticalmente a serviço do grande capital, também podem articular-se horizontalmente, redefinindo as bases da vida comum por meio da criação de normas locais e regionais. À medida que o lugar é reconhecido como parte da vida e da identidade dos sujeitos, constroem-se laços de pertencimento e solidariedade, possibilitando a ação sobre o espaço de acordo com os interesses dos grupos que nele habitam, e não apenas em função de interesses externos. Nesse sentido, o letramento geográfico ganha força como instrumento de transformação social. Abordagens contemporâneas, como a cartografia social, reforçam esse potencial ao valorizar os saberes locais e promover a construção coletiva de representações do espaço, fortalecendo a autonomia e o senso crítico dos sujeitos (MARAIA; CAETANO, 2025).

Metodologicamente, uma das implicações dessa perspectiva teórica consiste em aproximar os alunos do ofício do geógrafo e engajá-los nos processos de pesquisa e análise geográfica. O acesso aos procedimentos de produção do conhecimento geográfico possibilita a construção do conhecimento pelos alunos, permitindo compreendê-lo no contexto de uma organização geográfica complexa, que é o mundo da vida. Assim, por meio da pesquisa e da investigação, criam-se oportunidades para que os alunos construam entendimentos sobre o espaço, desenvolvendo formas próprias de pensar geograficamente e de se orientar no mundo. Nessa medida, eles adquirem ferramentas para analisar criticamente o mundo social em que vivem como possibilidade, condição essencial para o exercício de uma cidadania ativa. Tais práticas investigativas são apontadas por pesquisas recentes como fundamentais para consolidar o letramento geográfico, ao integrar teoria, prática e cotidiano no processo de aprendizagem.

Cabe acrescentar que o diálogo entre letramento geográfico e educação patrimonial possibilita o desenvolvimento de uma leitura mais sensível e crítica da paisagem, ao considerar não apenas seus aspectos físicos, mas também seus valores simbólicos e identitários. Tal abordagem contribui para que os(as) estudantes reconheçam o espaço geográfico como resultado de processos históricos e culturais, favorecendo a construção de vínculos de pertencimento e responsabilidade em relação ao território. A Figura 1 sintetiza os elementos constituintes da alfabetização e do letramento geográfico.



Figura 1: Elementos constituintes do letramento geográfico elaborado pelos autores

O Processo Formativo

Durante o primeiro semestre de 2019, no contexto da disciplina Conteúdos Metodológicos e Curriculares de Geografia II, do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ibirité/MG, os alunos foram convidados a escolher uma paisagem (uma rua, um bairro, um parque, uma praça, uma cidade, um edifício etc.) que fosse carregada de simbolismos de suas experiências de vida e com a qual nutrissem uma relação de afeto; isto é, uma paisagem que evocasse boas lembranças, aconchego e bem-estar.

Na definição dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Geografia (PCNs, 1997), a categoria paisagem possui um caráter específico para a Geografia e é “definida como sendo uma unidade visível do território, que possui identidade visual, caracterizada por fatores de ordem social, cultural e natural, contendo espaços e tempos distintos: o passado e o presente”. Valendo-se desse conceito, os alunos deveriam percorrer o roteiro exposto no quadro 1:

1. Paisagem como “lugar”;
2. Mudanças e permanências pelas quais passou a paisagem;
3. Camadas de tempo presentes;
4. Marcas de outros espaços;
5. Fenômenos sociais, culturais e ambientais da paisagem;
6. Relação homem-natureza;
7. Apropriações do espaço ao longo do tempo.

Quadro 1: Roteiro de análise da paisagem elaborado por um dos autores

No item “Paisagem como ‘lugar’”, os estudantes deveriam justificar suas escolhas a partir de suas experiências de vida com a paisagem. No item 2, articulado ao item 3 (“Camadas de tempo presentes”), era necessário realizar um estudo histórico da paisagem, com vistas a reconhecer os distintos “retratos” que ela já assumiu, bem como identificar e compreender suas continuidades e rupturas.

No item “Marcas de outros espaços”, os alunos deveriam identificar influências externas inscritas na materialidade da paisagem, seja nas práticas culturais, nos estilos arquitetônicos ou nas atividades comerciais, entre outros aspectos. O item 5, articulado ao item 6 (“Relação homem-natureza”), exigia um rompimento com a perspectiva tradicional que separa Geografia Física e Geografia Humana, propondo uma análise integrada das relações entre sociedade e natureza, bem como dos fenômenos sociais, culturais e ambientais da paisagem, partindo do pressuposto de que esses elementos se inter-relacionam e se influenciam mutuamente.

Por fim, no item “Apropriações do espaço ao longo do tempo”, os alunos deveriam investigar os diferentes usos do espaço, isto é, as práticas sociais e culturais desenvolvidas pelos habitantes do lugar ao longo do tempo.

Foi solicitado que os discentes entregassem um trabalho escrito e realizassem uma apresentação individual de cinco minutos, utilizando as linguagens, materiais e/ou recursos que julgassem mais adequados. A turma aceitou o desafio com um misto de receio e entusiasmo, uma vez que, acostumados a um ensino de Geografia livresco, decorativo e com poucas conexões com o mundo de suas vidas, a proposta não lhes pareceu familiar.

Destrinchar cada uma dessas categorias do roteiro significou realizar uma análise densa da paisagem. Partimos do pressuposto de que a leitura da paisagem pode constituir uma forma profícua de alfabetizar geograficamente o olhar dos alunos, por meio da investigação da história do espaço, isto é, da história das pessoas que nele vivem. Segundo Callai (2005):

O que a paisagem mostra é o resultado do que aconteceu ali. (...) A dinamicidade das relações sociais e das relações do homem com a natureza desencadeia um jogo de forças cujos resultados são concretos e visíveis. Descrever e analisar essas paisagens supõe, portanto, buscar as explicações que tal ‘retrato’ nos permite. Os objetos, as construções, expressos nas ruas, nos prédios, nas praças, nos monumentos, podem ser frios e objetivos; porém, a história deles é cheia de tensão, de sons, de luzes, de odores e de sentimentos. (p. 238).

Não obstante, além dos elementos que esse “retrato” revela, buscamos identificar também aqueles elementos invisíveis, muitas vezes soterrados pela marcha do progresso, isto é, as camadas de tempo e as experiências pelas quais passaram as paisagens, que, por vezes, já não se encontram presentes em sua materialidade.

Procedimentos Metodológicos

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza formativa e exploratória, desenvolvida no contexto da disciplina Conteúdos Metodológicos e Curriculares de Geografia II, ofertada no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade de Ibirité, no primeiro semestre de 2019. A investigação insere-se no campo de pesquisas em ensino de Geografia e assume como estratégia metodológica a pesquisa-formação, na medida em que articula processos de ensino, aprendizagem e produção de conhecimento, tendo como foco o desenvolvimento do letramento geográfico dos(as) licenciandos(as).

Conforme exposto, participaram da pesquisa estudantes regularmente matriculados no 6º período do curso de Pedagogia. No âmbito da disciplina, os(as) discentes foram convidados(as) a selecionar uma paisagem significativa de suas trajetórias de vida (rua, bairro, praça, parque, entre outros), com a qual mantivessem vínculos afetivos, a fim de realizar uma análise geográfica densa desse espaço. Para orientar a atividade, foi elaborado um roteiro de análise da paisagem, fundamentado em categorias centrais do pensamento geográfico, tais como: lugar, paisagem, relações sociedade-natureza, temporalidade e uso do território. O roteiro contemplava os eixos analíticos: Paisagem como “lugar”; (dimensão subjetiva e afetiva); Mudanças e permanências; Camadas de tempo; Marcas de outros espaços; Fenômenos sociais, culturais e ambientais; Relação entre sociedade e natureza; Apropriações do espaço ao longo do tempo.

Os dados da pesquisa foram constituídos a partir de produções escritas elaboradas pelos(as) estudantes; apresentações orais realizadas em sala de aula; registros reflexivos produzidos no decorrer da atividade.

A análise dos dados foi conduzida por meio de uma abordagem interpretativa, inspirada nos pressupostos da análise de conteúdo, conforme proposto por Laurence Bardin (2011), envolvendo as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, com vistas à interpretação dos sentidos produzidos pelos participantes. Posteriormente, os dados foram organizados em categorias analíticas, previamente definidas a partir do referencial teórico adotado — tais como lugar, paisagem, temporalidade e práticas socioespaciais — bem como categorias emergentes identificadas no material empírico.

Para fins de aprofundamento analítico, foram selecionados dois trabalhos representativos, considerando como critérios: a densidade da análise geográfica; a articulação entre dimensões empíricas e conceituais; as evidências do desenvolvimento do raciocínio geográfico. São eles: Paisagem 1: Rua Mateus Leme por Aluna 1; e Paisagem 02, Estaçãozinha dos Saberes por Aluna 2.

A análise desses casos buscou evidenciar em que medida os(as) estudantes foram capazes de mobilizar conceitos geográficos na interpretação de suas paisagens, bem como desenvolver um olhar crítico e contextualizado sobre o espaço vivido. Foram preservadas as identidades dos(as) participantes, sendo utilizados pseudônimos *LUA* e *ESTRELA* para apresentação dos dados das estudantes, em conformidade com os princípios éticos da pesquisa em educação.

Paisagens (Re)Lidas

Paisagem 1: Rua Mateus Leme por LUA

A partida: o processo de escolha e o percurso metodológico

Conforme exposto, a análise geográfica de uma paisagem foi proposta à turma do 6º período do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Ibirité, no primeiro semestre de 2019, como atividade da disciplina de Conteúdos Metodológicos e Curriculares de Geografia II. A realização da atividade mostrou-se extremamente desafiadora, pois, além da escolha da paisagem e do adensamento teórico necessário, foi preciso também encontrar fontes sobre a paisagem escolhida, nem sempre de fácil acesso.

Inicialmente, a paisagem escolhida para análise foi o Conjunto Habitacional Fonte Grande, onde mora uma das autoras desde o nascimento, localizado em bairro de mesmo nome e que, à época de sua fundação, tinha como característica a padronização de suas unidades habitacionais. Assim, o fato de ainda morar no mesmo lugar, o padrão das construções — mesmo que esse padrão tenha se esvaído ao longo do tempo —, além da relação afetiva com o lugar, foram fatores determinantes para a escolha dessa paisagem.

Após a escolha, iniciei a busca por registros sobre a história de sua fundação. Foi realizada uma visita à Secretaria de Cultura de Contagem; porém, devido a uma pane no sistema, não foi possível acessar os arquivos relacionados ao “Fonte Grande”, pois passavam por um processo de recuperação. A busca na internet não foi satisfatória, pois as informações encontradas eram insuficientes e deixavam grandes lacunas temporais. O material mais consistente encontrado no Portal da Prefeitura de Contagem foi a planta baixa do referido conjunto.

Em uma última tentativa, solicitei, sem sucesso, em redes sociais, fotos antigas que pudessem revelar camadas de tempo e transformações do bairro. Esses contratempos fizeram com que eu realizasse um recorte da paisagem, sem perder de vista o intuito principal, que é a análise do bairro. Assim, ao fazer uma reflexão aprofundada e na tentativa de trazer dimensão e materialidade às rupturas e continuidades do espaço escolhido, parti para a análise da paisagem da rua em que moro, a partir da planta baixa encontrada, buscando ampliar o olhar e traçar paralelos com o bairro.

Entre o vivido e o transformado: leituras da paisagem

Quando estamos inseridos em um lugar, muitas vezes, por questões cotidianas, não percebemos as pequenas mudanças que ocorrem diariamente naquela paisagem. Assim, o processo de análise da paisagem exigiu um exercício de deslocamento: colocar-se do lado de fora de uma paisagem já naturalizada pelos anos nela vividos e pela relação afetiva com ela e por ela construída.

Ao analisar geograficamente a rua, de forma isolada, mesmo com todas as reformas, a pavimentação da via pública e a chegada de novos moradores, pode-se notar que as transformações foram pequenas. Porém, quando analisamos o bairro como um todo, podemos observar grandes transformações, sendo as mais significativas a canalização do córrego localizado na rua de baixo e a implantação da Avenida Prefeito Gil Diniz.

Antes dessa canalização, embora as casas já possuísem rede de esgoto, o córrego corria a céu aberto e havia proliferação de roedores e animais peçonhentos. Após sua inauguração, o bairro começou a sofrer um processo de verticalização e novas apropriações. Com isso, além da valorização imobiliária, os moradores passaram a utilizar a avenida para caminhadas e outras atividades físicas. Outro movimento nessa mesma avenida foi o surgimento da vida noturna do bairro, que antes era exclusivamente residencial, com a presença de bares e restaurantes.

Assim sendo, a análise possibilitou articulações entre o local e o global, visto que a paisagem da rua, analisada de forma isolada, pouco mudou ou interferiu na infraestrutura do bairro e/ou na vida dos moradores. Porém, quando observamos o bairro como um todo, fica evidenciado como a canalização de uma via contribuiu para a transformação do espaço e de seu entorno.

Diante disso, do encontro entre a planta do lugar onde moro e o percurso de análise das imagens, muitas provocações surgiram e, em um exercício de reflexão, passei a pensar na falta de estrutura das comunidades periféricas, onde praticamente tudo é precário; na importância do planejamento urbano; e em como a ausência e/ou presença deste faz com que privilégios se travistam de direitos, uma vez que a maioria da população não tem acesso à habitação digna, saneamento básico e pavimentação.

Por outro lado, identifiquei que, nesses espaços privilegiados, as práticas culturais não possuem a mesma evidência e importância que costumam ter em comunidades onde tradição e saberes comunitários são transmitidos. A verticalização contribuiu para o distanciamento dos costumes e das identidades locais, fato que implica a diminuição da “força do lugar” e o enfraquecimento dos laços de pertencimento. A ausência ou pouca evidência de práticas culturais nesses espaços revela como o processo de homogeneização, produzido pela ação concreta das grandes empresas, enfraquece identidades locais, costumes e saberes comunitários.

Reflexões sobre a experiência desenvolvida

Como percurso formativo docente, o processo de construção e análise da paisagem evidenciou a importância da capacidade de abstração para o processo de alfabetização geográfica, pois é por meio dela que se dá o deslocamento necessário para ampliar a visão e compreender as transformações socio-históricas de determinada paisagem. Traçando um paralelo com o ensino de Geografia de forma tradicional, ao qual fui apresentada à época de minha escolarização — isto é, um ensino

conteudista e livresco, cujo enfoque estava em elencar dados geográficos —, é possível notar que este, embora lentamente, tem perdido espaço para dar lugar à alfabetização e ao letramento geográfico. A Geografia é uma grandeza multiescalar, e isso faz com que seus conceitos, apesar de distintos, sejam indissociáveis, fato que a torna um componente curricular extremamente significativo. Dessa forma, o mundo vivido, ou seja, o espaço geográfico complexo, somente será compreendido se for experimentado.

Perceber e analisar, geograficamente, a paisagem e identificar transformações e, consequentemente, as camadas de tempo fizeram com que ela se revelasse como um importante elemento formativo, pois o deslocamento necessário à realização do exercício oportunizou pensar criticamente a paisagem e seu entorno. Tal movimento provocou uma nova apropriação, estimulada pela desnaturalização dessa paisagem, e o reforço da relação afetiva e das ligações de pertencimento com ela. Dessa forma, a identificação e o pertencimento atuaram como aspectos caracterizantes e cooperadores na construção do pensamento crítico necessário para rever a paisagem, enxergá-la como uma categoria de análise e tomar consciência do lugar que ocupo e de como posso nele agir.

A proposta de análise da paisagem foi um importante instrumento para a ampliação do entendimento de conceitos geográficos, como lugar e espaço, e das dimensões que esses conceitos podem atingir. Mais do que um indivíduo pertencente a uma espécie, é necessário reconhecer-se como sujeito e cidadão, portanto produtor de cultura e detentor de direitos e deveres. A formação cidadã está imbricada ao conhecimento de si e do lugar onde se vive, bem como à atuação — ou não — para a melhoria desse lugar.

Paisagem2: Estaçãozinha de saberes por ESTRELA

Construção histórica do espaço

Mudei-me para Ibirité, cidade situada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, em 2015, a fim de tentar ingresso no curso de Pedagogia da Unidade Acadêmica da UEMG em Ibirité. Como não tinha parentes nem amigos na cidade, o espaço da Estação Ferroviária de Ibirité tornou-se propício para meu lazer e bem-estar. A vida não era fácil na época da construção da linha (1914–1917):

Morei, a princípio, em rancho de pau a pique, às margens do Paraopeba, junto à Cachoeira do Salto. Depois, melhor me instalei, linha abaixo. Primeiro, no antigo e belicoso São Gonçalo da Ponte (Belo Vale); mais tarde, no pacífico Aranha (Melo Franco) e, finalmente, na quase deserta Várzea da Pantana (Ibirité). Tínhamos direito a proventos (...) e auxílio para aquisição de montaria (...) e um trabalhador para cuidar do animal e dele fiz, quanto ao meu caso, o meu guarda-costas, naquelas brenhas pouco amistosas e, em geral, refratárias à passagem da linha (...). (Relato de Victor Figueira de Freitas, um dos trabalhadores da construção da linha que deu origem ao distrito de Ibirité. Depoimento sem data, presente em material exposto na estação, intitulado Estações Ferroviárias do Brasil.)

As obras para a construção da Estrada de Ferro Central do Brasil, no ramal de Paraopeba, iniciaram-se em 1910, em virtude das demandas das diversas regiões mineradoras do estado de Minas Gerais. Foi projetada uma linha de transporte ferroviário pelo Vale do Paraopeba, em ligação com o centro da cidade de Congonhas e em conexão com a linha central, situada em Belo Horizonte. Esse processo

trouxe grande expansão populacional para esses centros e para os demais distritos (como eram denominados à época), gerando a necessidade da construção de pequenas estações.

Embora, no distrito de Ibitité, esse crescimento tenha ocorrido de forma mais lenta, conforme o relato de Victor Figueira de Freitas, a população, anteriormente formada apenas por descendentes de sesmeiros e escravizados, passou a incluir grande número de estrangeiros que vieram para a construção da estrada de ferro e acabaram por permanecer na região.

A Estação Ferroviária de Ibitité foi inaugurada em 20 de junho de 1917 e trouxe grande progresso econômico para a região, antes sustentada por atividades como agricultura, pecuária e outras atividades primárias. A população, que até então vivia dispersa e não possuía um centro urbano definido, passou a se organizar de forma mais sistemática.

A importância da estação refletiu-se no desenvolvimento econômico e social da atual cidade, pois, após a implantação da linha ferroviária, várias empresas se instalaram nas imediações, gerando emprego e renda para a região. O centro da cidade foi estruturado próximo à Estaçãozinha, com a construção da Prefeitura (1963), da Igreja Matriz (1960), com o crescimento do centro comercial e com a instalação do Fórum (1990), o que confirma a importância desse patrimônio para o município.

A Estação Ferroviária de Ibitité foi reformada em 2009 e recentemente recebeu nova pintura. Consta na prefeitura da cidade um projeto para que o local se torne a Casa de Cultura de Ibitité, mas ainda não há parecer oficial a respeito.

Usos do espaço na atualidade

Uma rua movimentada, ora possuidora de muitos carros, ônibus coletivos e escolares, ora tomada por um silêncio que esfria a alma. Uma praça com uma casinha no meio, que recebe gente de gravata e gente de chinelos e pés cansados. Pessoas de várias etnias, religiões e classes, sem distinção — sobretudo, gente feliz.

A Estação de Ibitité trouxe muito progresso para a cidade. Em seu entorno, houve grande crescimento populacional e comercial, atraindo estabelecimentos públicos e privados, como empresas, escolas e, inclusive, o Tribunal de Justiça, bem como obras de pavimentação e, consequentemente, aumento da mobilidade urbana. Contudo, observa-se que a mata do entorno permanece intacta. Próximo à estação, existe uma serrinha que continua preservada, o que proporciona ao local ar fresco e um clima de cidade do interior.

Muitas pessoas passam pelo local a trabalho; outras, a passeio, e trazem consigo seus animais. Há quem frequente o espaço apenas para respirar o ar do pé da serrinha e contemplar a vista. Pela manhã, uma academia ao ar livre; à tarde, um baile que exhibe sapatos lustrosos e saias de fita girando ao som de uma sanfona. Quando chega a noite, o espaço se transforma em um local destinado ao desenvolvimento e à apresentação de práticas culturais e esportivas. Veem-se cordas de diversas cores girando em torno de si, em uma luta simbólica e histórica que traz cura e libertação de gerações, transmitindo alegria e propagando cultura, união e disciplina, entre outros atributos. Aquelas pessoas são felizes, pois estão sempre a sorrir, vestindo suas roupas brancas já levemente amareladas pelo tempo.

Tive a oportunidade de visitar esse local em vários dias e horários alternados e confesso que não conhecia a abundância e a diversidade de práticas culturais existentes próximas ao lugar onde residia. Trata-se de um bairro populoso e tranquilo, com construções bem estruturadas, algumas muito simples e antigas, principalmente as de esquina. Casinhas com telhas envelhecidas e janelas de madeira, com muros baixos, e outras construções que sequer possuem muros, onde as paredes e janelas são a própria divisão entre os olhares, os corpos e a rua.

Em um dos dias de observação, ao chegar à praça, precisamente às 7 horas da manhã, deparei-me com pessoas realizando atividades físicas, em sua maioria mulheres. Havia cerca de 50 participantes fazendo aulas de ginástica ao ritmo de uma caixa de som, sob o comando de uma animada professora de meia-idade. Essas pessoas fazem parte do grupo de ginástica Vida Saudável e se reúnem três dias por semana na Praça da Estação para realizar atividades físicas.

Ao entrevistar algumas delas, pude perceber a importância dessas atividades para a melhoria da qualidade de vida, elevação da autoestima e sociabilização dessas mulheres. Elas têm entre 25 e 70 anos e desenvolvem suas atividades juntas, cada uma em seu ritmo, conforme sua disposição. Algumas são viúvas e moram com seus filhos; outras vivem com seus esposos; e as mais jovens estão inseridas no mercado de trabalho, conciliando a ginástica com afazeres domésticos e profissionais. Todas residem em bairros próximos à Praça da Estação Ferroviária. A maioria é aposentada e complementa a renda familiar com a confecção de artesanato; outras trabalham como babás, e algumas são proprietárias de pequenos comércios locais. Há também donas de casa que auxiliam no cuidado dos netos para que suas filhas possam trabalhar.

Ao conversar com alguns frequentadores da praça, soube da existência do Forró da “Melhor Idade”. Constatei que o evento ocorre duas vezes por semana em uma construção localizada na Praça da Estação. Assim, fui ao local nos dias e horários informados. Em um espaço bem arejado, no térreo de uma construção singular, com duas portas abertas durante toda a tarde, muitas pessoas se reuniam ao som de músicas de forró e sertanejo raiz. O evento ocorre sob a coordenação do senhor Wilson Trindade, figura de grande respeito entre os participantes.

Observei que os frequentadores têm, em sua maioria, mais de 50 anos — aposentados bem vestidos e animados, que passam grande parte da tarde conversando, socializando e dançando. É característico da dança o cavalheiro escolher a dama e, com um gesto de mão, convidá-la. A dança envolve passos leves — “um pra cá, outro pra lá” — e os mais ousados se permitem giros e movimentos mais elaborados pelo salão. Os senhores usam camisa social, sapatos bem lustrados e, por vezes, chapéu. As senhoras, por sua vez, preferem vestidos e saias rodadas, combinadas com sapatinhos de salto baixo e cores vibrantes. Permanecem cerca de quatro horas no local, fazendo pausas para descanso em cadeiras dispostas no canto do salão. Alguns registram fotos e vídeos, e muitos saem acompanhados, seja por seus cônjuges, seja por companhias conhecidas no próprio evento.

Em outro dia de campo, estive no encontro do grupo de capoeiristas Guerreiros do Ser. O grupo era formado por pessoas de várias idades, desde crianças até adultos, que desenvolviam, sob a supervisão do Mestre Edvaldo, uma roda de capoeira. Batiam palmas ao ritmo do berimbau e cantavam suas cantigas, enquanto os mais experientes realizavam, no centro da roda, a simulação de uma luta. A luta iniciava aos pés do berimbau, e os participantes utilizavam roupas brancas e pés descalços, como sinal de respeito.

A ginga era composta por movimentos de pernas e braços, e, durante o jogo, surgiam golpes, giros e acrobacias. Uma atmosfera quase mágica tomava conta do ambiente. Fiquei encantada com a

diversidade ali presente. Ao questionar a presença de tantas crianças, o mestre explicou que muitas eram oriundas de um orfanato da cidade e participavam da roda semanalmente, sob sua responsabilidade.

Ali encontrei pessoas humildes, de diferentes idades, classes sociais e orientações sexuais. Ao entrarem na roda, havia respeito e disciplina — todos se tornavam iguais, independentemente das condições de suas roupas. Em determinado momento, o mestre separou os participantes em grupos e propôs exercícios específicos, solicitando posteriormente sua execução. Qualquer participante que desobedecesse às orientações era retirado da atividade e orientado quanto à disciplina, ao respeito e à ética.

Essas práticas culturais vivenciadas na Praça da Estação levaram-me a diversas reflexões. Ibirité, por ser uma cidade pequena e pacata e por ter permanecido sob a mesma gestão por muitos anos, teve um processo de verticalização e desenvolvimento econômico mais tardio. A título de exemplo, há muito tempo não se observa a instalação de grandes indústrias na cidade, nem a presença expressiva de marcas amplamente conhecidas. Isso, aparentemente, contribuiu para a preservação das tradições e identidades locais.

Apesar do processo de verticalização, os costumes se mantiveram e são recriados diariamente pelos moradores. Essas práticas reforçam os laços de solidariedade e autoestima e constituem forças que atuam na contramão dos processos de homogeneização dos espaços promovidos por intervenções externas. Assim, a leitura do espaço proporcionou elementos para a ressignificação do mundo e para o repensar da minha própria atuação no espaço, a partir dos interesses dos grupos sociais locais dos quais faço parte.

Reflexões sobre a experiência desenvolvida

Antes de escolher o local para este trabalho, não poderia imaginar a riqueza histórica e cultural da cidade de Ibirité, tampouco do espaço que eu frequentava regularmente. Refletir sobre a história, as camadas temporais, as mudanças e permanências, bem como sobre as práticas culturais dos frequentadores, levou-me a questionar a utilidade de um ensino de Geografia desconectado das realidades vivenciadas pelos alunos da educação básica, assim como a postura do professor distante do fazer geográfico.

Assumindo a perspectiva do letramento geográfico, realizei o exercício de percorrer a cidade como “caminhante” (Silva Filho, 2003), ou seja, aquele que, sob o efeito da lentidão, com um olhar atento e investigativo, livre de obrigações rígidas, do relógio e do mapa, observa o comportamento de pessoas de diferentes classes sociais, etnias, crenças e costumes que compartilham o mesmo espaço geográfico.

Também ensaiei passos do “flâneur”, figura captada pelo poeta francês Charles Baudelaire, que “erra pela cidade, no emaranhado urbano de ruas e personagens (...), tropeça em obstáculos, enreda-se em apelos e se depara com signos a decifrar diante da ambivalência da vida citadina” (Pesavento, 1995). Seguindo os passos do “flâneur” e do “caminhante”, pude (re)descobrir o espaço, compreender e refletir sobre parte da história desse povo e desse lugar.

Resultados e Discussão

Os resultados obtidos a partir da proposta de análise da paisagem evidenciam avanços significativos no desenvolvimento do raciocínio geográfico dos estudantes, especialmente no que se refere à capacidade de observação, interpretação e problematização do espaço vivido. A atividade possibilitou que os alunos ultrapassassem uma leitura superficial da paisagem, passando a identificar elementos naturais e sociais, bem como as relações estabelecidas entre eles.

Durante o processo, observou-se que os estudantes passaram a reconhecer a paisagem como resultado de ações humanas ao longo do tempo, identificando transformações, permanências e diferentes usos do espaço. Esse movimento indica o desenvolvimento de uma compreensão mais complexa do espaço geográfico, aproximando-se da noção de que este é um produto histórico e social, conforme proposto por Milton Santos, ao afirmar que o espaço é constituído por um conjunto indissociável de sistemas de objetos e ações.

Além disso, os alunos demonstraram avanços na construção de conceitos fundamentais da Geografia, como lugar, paisagem e espaço geográfico, estabelecendo relações entre suas experiências cotidianas e os conteúdos trabalhados em sala. A capacidade de relacionar o vivido com o conhecimento científico constitui um dos pilares do letramento geográfico, na medida em que permite ao sujeito interpretar criticamente a realidade e atuar sobre ela.

Outro aspecto relevante foi o desenvolvimento da capacidade de abstração, evidenciado quando os estudantes conseguiram extrapolar a observação imediata e compreender a paisagem para além de sua materialidade, identificando processos sociohistóricos e culturais envolvidos em sua constituição. Tal habilidade é essencial para a alfabetização geográfica, pois possibilita ao aluno realizar deslocamentos cognitivos necessários à compreensão de diferentes escalas e dinâmicas espaciais.

A proposta também favoreceu a construção de vínculos de pertencimento e identidade com o lugar, uma vez que os estudantes passaram a perceber-se como sujeitos inseridos no espaço analisado. Esse reconhecimento contribui para a formação cidadã, ao estimular a reflexão sobre o papel do indivíduo na produção e transformação do espaço geográfico.

Nesse sentido, os resultados dialogam com as contribuições de Callai (2005), que destaca a importância de um ensino de Geografia voltado para a compreensão do cotidiano e para a formação de sujeitos críticos, capazes de ler e interpretar o mundo em que vivem. A experiência demonstrou que práticas pedagógicas que valorizam o espaço vivido e a análise da paisagem constituem estratégias eficazes para promover o letramento geográfico.

Ainda que as análises estejam ancoradas em recortes locais, os processos identificados dialogam com dinâmicas mais amplas de produção do espaço, como a urbanização, a valorização imobiliária e os processos de homogeneização cultural. Nessa direção, conforme aponta Milton Santos (1998), o espaço geográfico deve ser compreendido como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e ações, o que exige uma leitura que ultrapasse a dimensão visível da paisagem.

Por fim, destaca-se que a articulação entre teoria e prática foi fundamental para o alcance dos resultados, evidenciando que o ensino de Geografia, quando contextualizado e significativo,

contribui para a construção de conhecimentos que vão além da memorização de conteúdos, promovendo a formação de sujeitos autônomos, críticos e conscientes de sua atuação no espaço.

Considerações Finais

O estudo do lugar, o conhecimento sistemático da realidade e do uso do território podem ser poderosos instrumentos para o desenvolvimento de modos próprios de pensar geograficamente e de se orientar no mundo. O trabalho permitiu que as alunas do curso de Pedagogia rompessem com a perspectiva tradicional do ensino de Geografia e adquirissem a capacidade de ler o mundo da vida por meio da leitura do espaço geográfico.

As análises revelaram como, cada uma à sua maneira, as estudantes foram capazes de causar um estranhamento na tão familiar paisagem escolhida e percebê-la a partir de outras lentes e sentidos. Ou seja, o espaço foi apreendido não só a partir de racionalizações, mas também a partir de tensões, de sons, de luzes, de odores, de sentimentos e de resistências. Dessa forma, o mundo da vida, isto é, o espaço geográfico complexo, foi compreendido por que experimentado.

Finalmente, gostaríamos de salientar que os professores de Geografia, especialistas e não especialistas, podem ser importantes agentes na reelaboração regional. Ao propor uma investigação da identidade dos lugares, a partir dos valores, das crenças, das tradições e dos significados atribuídos a eles pelos membros daquele grupo social, bem como dos interesses das pessoas que ali vivem, pode-se desencadear um poderoso movimento de contrapartida ao processo de homogeneização produzido pela mídia e pela ação concreta das grandes empresas.

Se o lugar não é neutro, mas resultado de uma construção social que se dá na vivência diária dos sujeitos que o habitam, os professores de Geografia podem atuar no sentido de, por meio dos estudos do lugar, ampliar o grau de consciência dos sujeitos sobre esses espaços, conferindo-lhes ferramentas para atuar neles segundo seus interesses e os de seus grupos de pertencimento, reforçando identidades locais e construindo canais de cidadania.

Desse modo, o ensino de Geografia torna-se um importante vetor na construção de um mundo mais humano que, em vez de apoiar sempre o grande capital internacional, possa servir a outros interesses sociais e políticos que sejam efetivamente democráticos.

Portanto, para que o ensino de Geografia no Ensino Fundamental seja levado a bom termo, é preciso garantir aos professores não especialistas, nos cursos de Pedagogia, a aprendizagem e o desenvolvimento das características epistemológicas do campo do conhecimento da Geografia e do ensino dessa disciplina, bem como a oportunidade de refletir sobre as possibilidades que ela representa no processo de construção de uma sociedade efetivamente democrática.

Referências

- ABUD, Katia. O ensino de História nos anos iniciais: o que se pensa, o que se faz. **Antíteses**, Londrina, v. 5, p. 555–565, 2013.
- AZEVEDO, P. B. O desafio do ensino de História nos anos iniciais: a questão do nacionalismo. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 5, n. 3, p. 338–355, set./dez. 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOTELHO, L. A. L.; CASTELLAR, S. M. V. Cultura científica na educação geográfica: potencializando o raciocínio geográfico. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia e História (1ª a 4ª série)**. Brasília, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: 2ª versão revista**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base> Acesso em: 09 de Abril de 2026.
- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227–247, maio/ago. 2005.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas: Papirus, 2012.
- DAPPER, V. R. M. Geotecnologias e alfabetização cartográfica: uso do Google Earth no ensino de Geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, Recife, 2025.
- MARAIA, L. G. O.; CAETANO, R. C. Cartografia social na construção da linguagem e do senso crítico. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, 2025.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279–290, 1995.
- SANTOS, F. K. S.; RAMOS FILHO, R. A. Transformações no ensino de Geografia: o papel das tecnologias emergentes. **Revista de Geografia**, Recife, 2025.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SILVA, José Borzacchiello da. **Nas trilhas da cidade. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará**, 2001.
- SOARES, Magda. O que é letramento. **Diário do Grande ABC**, 2003.

Recebido em: 02/02/2025

Aprovado em: 30/05/2025